

COMO SABER A HORA CERTA DE COMEÇAR OS ESTUDOS

Além de fornecer o primeiro contato com as letras e números, a educação infantil completa as noções aprendidas com os pais

Daniella Fontana
Especial para o **Correio**

Ingressar na escola significa descobrir um mundo novo. Novos conhecimentos e a oportunidade de trocar experiências com crianças da mesma idade fazem deste momento um passo importante na vida da criança. Começar desde cedo a descobrir as letras, os números e a própria capacidade desperta nos alunos uma relação amigável com o colégio.

Vítor Diegues Melren tem quatro anos, mas desde um ano e oito meses começou a se acostumar com a ideia de sair de casa e ir para a escola. Hoje ele é aluno do Jardim I do Colégio Inei e passa a maior parte do seu tempo — de 8h às 18h — em meio a livros, professores e salas de aula. Toda manhã, ele confere com a mãe, Cláudia Diegues, 29 anos, a programação do colégio e vibra com as atividades e o lanche previstos para o dia.

“A ida cedo para a escola foi determinante para esse entusiasmo pelo estudo”, acredita a mãe, analista de trânsito. “Quando ele chega em casa tem muitas histórias para contar e narra tudo com muita criatividade”, completa.

Segundo a orientadora pedagógica Gabriela Cristina Cavalcanti, uma criança de até seis anos que, desde cedo, frequenta a escola apresenta um desenvolvimento social, emocional e pedagógico maior do que aquelas que ingressam no universo escolar com mais idade. Isto terá uma profunda influência nas escolhas e na vida futura delas”, acredita.

Para Cláudia, a escola foi responsável pelo aparecimento de uma série de características do filho. “Vítor é uma criança curiosa, que está constantemente procurando algo para aprender. É independente e busca participar de tudo, porque se acha uma figura importante no grupo em que está fazendo parte”, conta.

Antes de optar por uma escola, ela percorreu várias instituições, conversou com os profissionais, analisou a limpeza, a recepção e estabeleceu algumas regras. Ela e o marido, Guilherme, 30 anos, se revezam para buscar e levar o filho ao colégio. “Queremos que ele sinta que estamos por perto, apesar de passar tanto tempo longe de casa”, diz a mãe.

Por isso, quando não está no colégio no sistema de semi-internato (quando a criança fica o dia todo e almoça na escola), tem dedicação exclusiva dos pais, que o levam para brincar no shopping center e viajar, seus programas favoritos.

Esta etapa, na qual Vítor está inserido, é chamada de Educação Infantil. Ela é direcionada para crianças de até seis anos e é oferecida em creches, até os três anos, e em pré-escolas, dos quatro aos seis anos.

A pré-escola é uma fase importante para o desenvolvimento de uma série de aprendizagens e não pode funcionar como mero depósito de alunos. Segundo a Lei 9.394, que estabelece as diretrizes

e bases da Educação Nacional, este primeiro contato com a educação deve ajudar a criança a desenvolver seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

“A escola e a família devem ser parceiras nesta empreitada chamada educação, trabalhando juntas pelo mesmo objetivo: o crescimento e desenvolvimento da criança”, afirma a pedagoga Cosete Ramos. É importante, segundo ela, tomar cuidado com o leque de valores que será transmitido pela escola para não haver confronto com as informações passadas pela família. “A cabeça da criança pode virar uma confusão”, alerta.

PROGRESSO

Buscando evitar esse tipo de problema, Roberta Martins Gardini, 29 anos, costuma fazer várias visitas à escola das três filhas, chamada Dimensão, no Guará, para tomar conhecimento do método pedagógico e do corpo docente. Desde que entraram na escola, as meninas tiveram vários progressos.

Laís, seis anos, está no jardim III e já lê jornais e escreve. Isabela, cinco, está dando os primeiros passos para a alfabetização e Bruna, quatro anos, apesar de passar a maior parte do tempo na recreação, tira proveito das lições das irmãs, acompanhando as tarefas que as duas levam para casa.

A única lacuna que Roberta encontra no colégio é a falta de atividades extraclasses, como computação, dança, natação e inglês. “Uma boa escola deve oferecer oportunidades para o aluno se manter ocupado”, acredita a mãe das meninas, que costuma ir às reuniões bimestrais para receber os trabalhos e os comentários sobre a evolução das filhas.

Um fator importante para o melhor desenvolvimento da educação é o prazer que a criança sente quando está praticando determinada atividade. Se ela estiver gostando da aula ou da brincadeira, a aprendizagem flui e ela aprende com mais facilidade que um adulto.

“Isso porque o cérebro de uma criança ainda não foi bombardeado com informações como o de um adulto. Assim ele está aberto para melhor assimilar o que está acontecendo à sua volta”, explica o neurologista Arlindo Mattos, do hospital Santa Lúcia. “Com o envelhecimento do ser humano, os neurônios (células nervosas) também vão envelhecendo e a dificuldade para aprender aumenta”, completa.

De acordo com ele, até os 12 anos, o cérebro de uma pessoa está em constante aprendizagem. Depois dessa idade, ele está praticamente maduro e as respostas são mais lentas. Mas se a atividade não estiver despertando o interesse, a assimilação será quase nula. Quanto mais criativa e interessante for a atividade, mais prazer a criança vai ter em ir à escola.

“A ESCOLA E A FAMÍLIA DEVEM SER PARCEIRAS NESTA EMPREITADA CHAMADA EDUCAÇÃO, TRABALHANDO JUNTAS PELO MESMO OBJETIVO: O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA”

Cosete Ramos
pedagoga